

HISTÓRIA DA GASTRONOMIA*

Cláudia Hickenbick

Objetivos

O intuito deste estudo é que você consiga:

- identificar a diferença entre história ciência e história vivida;
- reconhecer o que são fontes primárias e secundárias;
- fundamentar o que é conhecimento histórico.

Iniciando o estudo

Existe diferença entre a História Ciência e a História Vivida? A resposta para esta questão é positiva. A escrita da história, cientificamente falando, é feita por historiadores, que escrevem sobre determinados temas a partir de pesquisa. Esta pesquisa só pode ser realizada se existirem fontes históricas que possam informar sobre o tema pesquisado. Um fato, só por ter acontecido, não é necessariamente história, se por história estivermos entendendo conhecimento histórico cientificamente produzido.

1 O que são fontes?

As fontes são também chamadas de documentos históricos. Tais fontes são classificadas em primárias e secundárias. As **fontes primárias** são aquelas que pertencem ao tempo que está sendo investigado. Por exemplo: um historiador investiga as preparações gastronômicas que eram comuns em Florianópolis, na primeira metade do século XX. Para isso, ele busca depoimentos de pessoas que viveram essa época, livros de receitas. Veja um exemplo, na sequência.

* Texto originalmente publicado na Revista PQANP do IFSC, v.1, n. 5, p.82-89.

Começa mais ou menos assim uma dúzia de banana, parte ao meio e frita, né, depois você vai por em camadas no pirex... aí tem que fazer uma gemada, três ou quatro gemas, depende da quantidade de banana...

Pra uma dúzia, talvez precise três gemas ou quatro...

Com açúcar branco, bate e coloca um pouquinho de canela nessa gemada, depois de batido, aí você põe uma camada de banana no pirex, e uma camada de gemada, uma camada de banana, outra de gemada... por cima a clara do ovo que você não fez nada, você bate em ponto de suspiro e coloca... Você bate a clara, põe um pouco de açúcar, faz aquele suspiro como dizem e pronto e põe em cima, é a última camada que vai, no pirex e leva ao forno só pra tostar um pouquinho, essa clara né, essa clara fica assim durinha, não coloca em forno muito quente né, pra endurecer a calda um pouquinho, e aí essa gemada com o calor ela derrete um pouquinho aí fica como uma calda...

Depois que esfriar pode colocar...na geladeira...ou natural mesmo, mas não dá de comer quente não, tem que comer fria...

A banana é frita dos dois lados... não muito óleo... bom eu não expliquei direito: depois que você frita coloca assim em um papel toalha, deste de cozinha, pra tirar o excesso de gordura. Você vai fritando e coloca em cima do papel, quando você termina e vai colocar no pirex, ela tá sequinha, já não tem tanto óleo...É simples mas tem que ter esses cuidadinhos... (risos) minha mãe fazia, e ela deve ter aprendido... com minha avó... É uma receita do século XIX, então...¹

Para um historiador, tais documentos são fontes primárias. Se a entrevista fosse com uma neta, que ouviu contar sobre este tempo, o depoimento seria uma **fonte secundária**. São exemplos de fontes históricas: documentos pessoais, cartas, depoimentos (memória), jornais, revistas, fotografias, ofícios, edificações, etc. Sobre a história vivida, não é preciso dizer muito. Tudo o que a humanidade vive, individual ou coletivamente, é história vivida, e sobre a qual, quem a vive pode falar. E falando, apresenta a memória sobre determinados fatos.

2 Conhecimento histórico

Os historiadores selecionam, entre essa história vivida, o que lhes interessa estudar e constroem um conhecimento histórico com os registros que ficaram sobre esse tema (as fontes, os documentos) a partir de um método de pesquisa.

O conhecimento histórico é um conhecimento autoral. March Bloch (1886-1944), historiador francês, medievalista, disse um dia que, todo livro de história digno

¹ Entrevista concedida à Cláudia Hickenbick, por Celeste Maes Bellazi, funcionária pública aposentada, nascida em Florianópolis, 1924.

desse nome deveria conter um capítulo, ou uma série de parágrafos em que se intitulavam algo assim: “Como posso saber o que vou lhes dizer?” Ele dizia ainda que é o “tudo pronto” que espalha o gelo e o tédio. Atualmente, na teoria da história, entende-se que não existe uma verdade histórica, mas versões cientificamente construídas, sobre temas de interesse histórico, temas sobre os quais seja importante escrever, não apenas na opinião do historiador, mas para a sociedade em que ele vive.

Especialmente depois dos anos 80, no século XX, temas sobre pessoas comuns foram incluídos nos interesses históricos. Os sujeitos da história não são mais apenas os grandes homens públicos. Por isso, hoje se sabe que o movimento da história é do presente para o passado, e não o contrário.

O historiador busca a experiência no tempo (os fatos), os interpreta, constrói um conhecimento sobre esta experiência e pretende que este conhecimento possa orientar. A história é experiência, interpretação e orientação no tempo.

Só existe sentido na escrita e no estudo da história se ela puder ser orientação para a vida prática, de cada um de nós. Assim também deve ser com a ciência, sobre a qual dizia Bertold Brecht: “Eu afirmo que o único objetivo da ciência é aliviar a miséria da existência humana”.

E, para terminar com um poeta... Ferreira Gullar:

A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbios, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas. Disso eu quis fazer a minha poesia. Dessa matéria humilde e humilhada, dessa vida obscura e injustiçada, porque o canto não pode ser uma traição à vida, e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo as pessoas e as coisas que não têm voz (Gullar, 2010).

Concluindo o estudo

Neste estudo, foi destacada a diferença entre história ciência e história vivida com vistas a consolidar esses conceitos tão amplamente e, às vezes, erroneamente aplicados. Além disso, foram evidenciadas as concepções de fontes primárias e secundárias com exemplos ilustrativos a partir do depoimento de Celeste Maes Bellazi, nascida em 1924. Para finalizar, foi articulado que conhecimento histórico

se refere a um conhecimento autoral que visa obter a verdade do seu objeto através da investigação, da interrogação e do controle das fontes.

Referências

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Disponível em: [https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/bloch-m-apologia da-histc3b3ria.pdf](https://bibliotecaonlinedahisfj.files.wordpress.com/2015/02/bloch-m-apologia-da-histc3b3ria.pdf). Acesso em: 29 abr. 2021.

GULLAR, Ferreira. **Corpo a corpo com a linguagem**. Disponível em: <http://literatasclube.blogspot.com/2010/06/corpo-corpo-com-linguagem.html>. Acesso em: 29 abr. 2021.